



Antonio de Aquino - O Patrono

Logo após a fundação da Cabana de Lysis, em 1927, através do médium Gustavo Pontes, Antonio de Aquino ofereceu uma comunicação que intitulou "Tema Vago". Tratava-se, em verdade, de sua autobiografia.

"Tema Vago"

"Que o Amor único de Deus inspire todas as almas para o Bem"

“Meus Irmãos:

Eu vim para vos contar uma história.

Em meados do século XVII nascia, em Pizza, um filho de família nobre, na opulência da sua nobreza, na opulência do seu conforto e na esperança da sua vida. Nascia como as flores nascem, quando uma gota de orvalho cai sobre um botão que se abre; despontava para a vida como um astro desponta quando a noite cai.

Cresceu, e crescendo foi sendo receptáculo de todas as desventuras que podem vir a um ente na terra.

Morta a sua família, morto o seu pai, os seus irmãos, desprezado pelos parentes, por questões de dinheiro, de haveres, deixaram o pobrezinho ainda inocente, que foi levado por sua mãe, única pessoa que lhe restava, para a mendicidade. E, desprezando a sua dor – porque em face da dor materna tudo se despreza – procurou alentar e socorrer sua mãe, que mais do que ele sofria.

Procurou trabalhar. Tinha oito anos e com oito anos, que podia fazer uma criança para sustentar e salvar sua mãe? Muito fez, porém.

Veio-lhe a doença porque tinha que sofrer e não bastava o que até ali tinha recebido. Perdeu sua mãe num leito imundo de hospital. Quase indigente e levado por mãos vis, o pobrezinho acompanhou-a até a tumba, onde depositaram o seu corpo no

último abrigo da terra e chorou, como choram os inocentes.

Flores foram as lágrimas que caíram sobre a sepultura. E com oito anos de idade estava lançado à vida numa cidade grande, um pobrezinho, infeliz, que tinha tido até ali a ilusão de uma mãe e dos parentes e agora o desprezo e mais nada. Atirou-se à vida, ao trabalho e... cresceu. Não tinha tido outra esperança, outro conforto, outra resignação que não fosse a de Deus.

Ensinaram-lhe em pequeno a dizer alguma coisa, a rezar para o Pai; que o Pai atenderia aos inocentes. Rezava sempre e sempre porque sentia a sua consciência inocente e era atendido. Quando chegou a sua idade em que poderia se dizer homem, outra infelicidade maior lhe caiu em cima, quase fazendo com que desanimasse da vida tenebrosa. Cidadão, depois de homem, com tantos trabalhos, com tantas lágrimas e com tantos sofrimentos, talvez porque chorasse demais, os seus olhos se fecharam para a luz, quase que totalmente.

E quase cego, o que poderia fazer o pobrezinho, na torrente impetuosa do destino!? Lutar. Mas, lutar sim, só, desprezado da própria vida; lutar sempre. Deus era a esperança da sua alma e só para Deus poderia servir, porque para os homens de nada valia.

Entrou para um convento que lhe abriu as portas, quase por caridade. Entrou, fez-se padre e, no convento, viveu sob o seu

hábito de sacerdote, de religioso, ensinando a doutrina santa que havia aprendido.

Entretanto, reconhecia que nem tudo que professava e ensinava era verdade e procurou no seu silêncio, na sua cela, selecionar aquilo que fosse ouro e aquilo que fosse falso e saiu pela Europa, pregando, ensinando, levantando almas, confortando com a sua palavra, animando aos desanimados, encorajando aos desamparados e, assim, viveu.

Cego, desprezado e herege, na miséria, já na velhice, que poderia fazer o pobrezinho senão ter esperança no Pai e esperança em Deus! Caiu para a vida e caiu com o baque da fatalidade sobre si. Adoeceu e morreu. Morrendo, compreendeu definitivamente a sua situação.

Partiu para o espaço e lá teve a confirmação do que ensinou e deu graças a Deus de não ter ensinado errado. Continuou a pregar pelo espaço. Os anos caíram sobre a terra transformando-a muito.

Continuou ensinando, sempre. Onde podia salvar, onde podia ajudar, lá estava, espírito ou homem, lá estava ajudando sempre, ensinando o bem e o amor.

Continuaram os anos e apesar disso as suas obras foram se multiplicando com a graça de Deus, dentro da vida e fora da matéria. Ontem era um pobrezinho na Itália, depois era um espírito errante, ensinando o bem aqui ou ali. Ali consolava uma

mãe que chorava, aqui orientava um pobrezinho para a luz e, hoje, está entre os seus amigos contando uma história”.

